



O fotógrafo,
de Cristovão Tezza
Record, 2025

Reescrevendo-se no passado, em *Stay True*, Hua Hsu examina: “Quando a fotografia se tornou onipresente, as fotos passaram a funcionar como provas de sua existência diária. Elas passaram a registrar um padrão. Olhando para trás, você começaria a duvidar da sequência de eventos. Se, na ausência de provas, realmente acontecera alguma coisa.”

Refletir a respeito dos trabalhos de Hsu, Cavalcanti e Calafato me fez pensar nos comentários do escritor estadunidense Jonathan Franzen, em entrevista ao programa *Roda viva*, em 2023, sobre a estranheza de um futuro (próximo – e já se concretizando) sem confiança em registros que seriam *evidência*: que comprovavam os fatos, trazendo segurança para nós: uma fotografia, por exemplo.

E, até, uma fotografia antiga.

A editora Record acaba de relançar *O fotógrafo*, de Cristovão Tezza – de 2004: anterior à estranheza futurística aludida por Franzen. No posfácio do romance, Tezza afirma ter, durante a releitura para a nova edição, reparado na “ausência de celulares na vida dos personagens. E, num efeito cascata desta lacuna que hoje soa absurda, o livro se passa num mundo [o livro se passa em 2002, em breve período manhã-madrugada] em que os jornais são de papel, as pessoas pegam táxis, que custam caro, e pagam a corrida em dinheiro; veem-se filmes em fitas VHS, e os computadores não passam de máquinas de escrever mais sofisticadas. Especialmente importante na trama do romance, o fotógrafo usa [resistente] uma câmera analógica e revela filmes num laboratório”. Tezza conclui seu raciocínio: “A fotografia ainda é um objeto físico modelado por um artesão da imagem”.

Com índice não de capítulos, mas de *fotogramas* (“O fotógrafo recebe um cheque”, “O fotógrafo bebe uma cerveja”), trata-se de um livro de ficção pura; com trama saborosa, com luzes e sombras, e com narrador onisciente – invadindo e expondo pensamentos de todos os personagens: indivíduos providos de atitudes e juízos autônomos, de ponderações independentes – que (em estratégia característica do autor, dilatada livro a livro), no intervalo de cada sentença e de cada gesto, ao desenvolver as ações, espirala fundo na mente e nos devaneios do personagem em foco. Para esquadrihar ideias e corações (e impulsos).

Uma “geladeira cheia de filmes” e toda a tecnologia arcaica nas quais o autor de 2025 reparou são, para o autor da virada do século, engrenagens de um cotidiano interpretado sem a ferramenta do retrovisor. *O fotógrafo fixa um instante* – e fotografias, na narrativa de Tezza, ainda são provas incontestes; apertar o botão da câmera analógica tem um peso gigantesco, e o romance é, em si, uma fotografia terminal de um mundo prestes a ficar em preto e branco. (F.F.M.)